

# Acta

## Assembleia Geral

CAIC (Cernache), 19 e 20 de Novembro de 2016

Os trabalhos iniciam-se às 9:32.

Não havendo quórum, suspendem-se os trabalhos, nos termos do art. 13º dos Estatutos, e faz-se nova convocatória.

Retomam-se os trabalhos às 10:33.

O Assistente Espiritual Padre António Sant'Ana faz uma oração.

### **ORDEM DE TRABALHOS:**

1. Eleição da Mesa
2. Propostas de alteração à Ordem de Trabalhos
3. Discussão e Votação da acta da Assembleia Geral de 2015
4. Apresentação e votação do Relatório de Actividades e Contas do Camtil em 2016
5. Eleição dos Órgãos da Associação para o Biénio 2016/2018
6. Apresentação do Orçamento e Plano de Actividades do Camtil para 2017
7. Apresentação e votação das propostas relativas à abertura e inscrição de novos sócios
8. Discussão e votação da proposta relativa a donativos à Companhia de Jesus, na sequência do debatido no ano anterior
9. Outras propostas

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABP: António Brutt Pacheco	MB: Madalena Bobone
AFS: António Ferreira da Silva	MBV: Madalena Barrancos Vieira
AM: António Mesquita	M <sup>a</sup> C: Maria Cunha
AS: António Sant'Ana	MC: Miguel Cabral
BAL: Beni Abreu Lima	MCP: Madalena Cardoso Pinto
BC: Bernardo Cerqueira	MDC: Madalena Dias Costa
CAS: Carolina Almeida e Sousa	MDV: Maria Diniz Vieira
CG: Cristina Gil	MG: Mafalda Geraldês
DF: Duarte Fontes	MMDV: Maria Manuel Diniz Vieira
DMC: Diogo Morgado Conceição	MM: Mimi Montenegro
DP: Domingos Perloiro	MPC: Miguel Pupo Correia
DRT: David Ribeiro Telles	MSG: Mafalda Sousa Guedes
FC: Fernando Chaves	MSR: Manuel Sérvulo Rodrigues
FPC: Francisco Proença de Carvalho	MV: Marta Vasconcelos
FSM: Fred Sousa Macedo	NV: Nuno Valentim
GD: Gonçalo Dias	UM: Manuel Urbano
GM: Guiga Murteira	PCM: Paulo Cunha Matos
GR: Gustavo Rochete	PL: Pedro Lima
HE: Henriques Esteves	PRM: Pedro Rocha e Melo
IGB: Ico Geraldês Barba	RR: Rita Regatia
JM: João Melo	SR: Susana Regatia
JMA: João Maria Ameal	TDC: Teresa Dias Costa
JPF: João Pedro Filipe	TG: Tiago Godinho
JR: Joana Roquette	TN: Teresa Nora
JT: João Tovar	TV: Teresa Valentim
LA: Luís Alvim	XB: Xiu Belo
LM: Luís Montenegro	ZMA: Zé Maria Azeredo
LML: Luís Mascarenhas de Lemos	ZM: Zé Murteira
LV: Leonor Vasconcelos	ZMM: Zé Maria Miranda
MA: Madalena Ataíde	ZT: Zé Telles
MAnt.: Manuel Antunes	

## 1. ELEIÇÃO DA MESA

Lista candidata à Mesa da Assembleia:

Presidente – Paulo Cunha Matos

Vice-Presidente – Tiago Godinho

Secretária – Cristina Gil

Sócios votantes – 85

- contra – 0
- a favor – 82
- abstenções – 3

A Mesa é eleita.

Aplauso.

Paulo Cunha Matos (PCM) explica o funcionamento da Assembleia.

Ico Geraldes Barba (IGB) dá informações sobre os horários da Assembleia.

## **2. PROPOSTAS DE ALTERAÇÃO À ORDEM DE TRABALHOS**

Teresa Dias Costa (TDC) apresenta a proposta da Direcção de alteração à ordem de trabalhos. (anexo 1)

Não havendo questões, passa-se à votação.

Sócios votantes – 92
• Contra – 0
• Favor – 88
• Abstenções – 5

A alteração é aprovada.

### **NOVA ORDEM DE TRABALHOS:**

1. Eleição da Mesa da Assembleia Geral;
2. Propostas de alteração à ordem de trabalhos;
3. Discussão e votação da acta da Assembleia Geral de 2015;
4. Apresentação e votação do Relatório de actividades e contas do Camtil em 2016;
5. Eleição da Direcção para o Biénio 2016/2018;
6. Apresentação do orçamento e plano de actividades do Camtil para 2017, incluindo neste tema a proposta relativa a donativos à Companhia de Jesus;
7. Apresentação e votação das propostas relativas à abertura e inscrição de novos sócios;
8. Discussão e votação das propostas relativas aos critérios de entrada de antigos animadores do Camtil como novos sócios, na sequência do debatido no ano anterior;
9. O papel dos leigos na assistência espiritual aos campos do CAMTIL;
10. Política comum sobre Fumos nos campos do CAMTIL;
11. Apresentação e votação de outras propostas;
12. Outros assuntos.

### **3. DISCUSSÃO E APROVAÇÃO DA ACTA DA ASSEMBLEIA GERAL DE 2015**

Fala-se da acta da Assembleia de 2015 (anexo 2).

PCM: na pág. 9 há slides repetidos. Na pág. 12 fala uma proposta que não foi aprovada mas está escrito que sim.

Gustavo Rochete (GR): propõe que se reveja o português.

PCM: propõe que se vote as alterações referidas.

Sócios votantes: 96

- Contra – 0
- Favor – 89
- Abstenções - 7

As alterações são aprovadas.

Passa-se à votação da acta da AG 2015.

Sócios votantes: 98

- Contra – 0
- A favor - 90
- Abstenções – 8

A acta é aprovada.

Xiu Belo (XB): refere que na Assembleia de 2015 não foram permitidos votos por procuração.

PCM: explica que foi a decisão tomada pelo Presidente da Mesa da Assembleia 2015 e que este ano como Presidente decidiu aceitar votos por procuração em relação às propostas que foram publicadas atempadamente no site do Camtil. Isto é, aceitaria esse voto em todas as matérias que um sócio não presente conseguisse estar inteirado antes da AG.

#### **4. APRESENTAÇÃO E VOTAÇÃO DO RELATÓRIO DE ACTIVIDADES E CONTAS DO CAMTIL EM 2016**

##### 4.1 – RELATÓRIO DE ACTIVIDADES 2016

TDC: apresenta o Relatório de Actividades 2016 (anexo 3).

Duarte Fontes (DF): a propósito de estar incluído no relatório de actividades um resumo da RAC, pergunta se faz sentido os sócios animados terem acesso a este resumo, tendo entendido que é a acta.

TDC: explica que é um resumo, com os pontos importantes, e não a acta integral.

Deixa agradecimentos pelo ano que passou: equipa do Conga; equipa do LaTrina; Catarina Luís; membros cessantes da Direcção.

Madalena Bobone (MB) faz apresentação do que foi o Conga.

Aplauso.

MB apresenta o que foi o LaTrina.

Aplauso.

Questões:

GR – algumas actividades devem ser apresentadas aos sócios ao longo do ano. Pergunta pela newsletter e pela actividade da Rede de Campos de Férias Católicos.

Carminho Cordovil: responde à questão da newsletter, explicando que está a ser reformulada, sendo por isso que está suspensa. Quanto à Rede de Campos de Férias Católicos, foi divulgada por facebook e email.

Aplauso ao relatório.

Passa-se à votação do relatório.

É aprovado por unanimidade.

Pausa às 11:30.

Retomam-se os trabalhos às 11:50

## 4.2 – RELATÓRIO E CONTAS

Maria Diniz Vieira (MDV) e Zé Telles (ZT), da Tesouraria: apresentam o Relatório e Contas (anexo 4).

Miguel Cabral (MC) explica a rubrica da CamtilShop.

Questões:

Sobre o Relatório Financeiro:

DF: para a Tesouraria, pergunta qual é a diferença entre o Relatório e Contas e o Relatório Financeiro.

MDV: explica que é o modelo que nos é exigido pelas Finanças, organizado de forma diferente.

Sobre a rubrica das Carrinhas:

Zé Maria Azeredo (ZMA): levanta a preocupação com os gastos das carrinhas, faz um apelo à Direcção para que se reflecta sobre o binómio liberdade/responsabilidade dos animadores, de forma a melhorar o resultado desta rubrica.

Francisco Proença de Carvalho (FPC): fala em nome do David Ribeiro Telles (DRT), que está a representar. Pergunta se não há veículos mais adequados ao uso em campo.

ZT: responde que já se procurou saber se era possível, e não havia disponibilidade por parte da Europcar.

Susana Regatia (SR): sobre o reparo que foi feito sobre a condução das carrinhas, embora seja importante que se apele à responsabilidade, é preciso ter cuidado com a crítica que se faz indiscriminadamente, correndo o risco de desmoralizar os animadores e não havendo no futuro animadores que se queiram responsabilizar pelas carrinhas nos campos. A crítica não pode deixar de lado a vertente construtiva.

Domingos Perloiro (DT): sobre as carrinhas, sublinhar que embora no contrato com a Europcar estejam dois animadores do campo, mais pessoas conduzem a carrinha. Também fazer uma nota de sensibilização aos adjuntos para um maior cuidado nesta gestão.

Antonio Brutt Pacheco (ABP): pergunta se fará sentido o Camtil ter carrinhas próprias, em vez de alugar.

MDV: Financeiramente não compensa, pelos gastos que isso acarreta ao longo do ano. A Tesouraria foi tomando medidas para diminuir o prejuízo, nomeadamente cortando os débitos directos, e olhando na RAC para os gastos que se vão tendo para ter cuidado no futuro.

Pedro Rocha e Mello (PRM): fazer um apelo à Direcção que se aproxime mais das direcções de campo, sobretudo em direcções menos experientes, para um maior apoio para lidar com a Europcar.

João Pedro Filipe (JPF): sugere que se procurem patrocínios de marcas de automóveis.

Sobre a rubrica da CamtilShop:

DF: pergunta como é que são feitos os orçamentos da CamtilShop, como é que se fazem as previsões.

António Mesquita (AM): pergunta o que se faz com o lucro da camtilshop.

MC: explica que se faz o orçamento de acordo com os relatórios de anos anteriores e com o inventário que se faz no final do ano camtilico. Quanto ao lucro, o produto das receitas serve para investimento no próximo ciclo encomendatário da Camtilshop, que é auto-sustentável.

Sobre a rubrica dos Estatutos:

DF: Pede esclarecimentos sobre esta rubrica.

TDC: explica que, quando a Direcção foi tratar da publicação do Estatutos, surgiram novos problemas que não eram ainda do seu conhecimento, estando agora no processo de resolver estes problemas.

ZMA: Sobre os Estatutos, apela a que, sendo os problemas levantados de carácter técnico, que não se espere pela próxima Assembleia Ordinária, e que se convoque uma Assembleia Extraordinária para encerrar este assunto se for possível.

Sobre a rubrica da Assembleia:

João Tovar (JT): a propósito do número de pessoas inscritas da Assembleia de 2015 que não correspondeu ao número de presenças, pergunta o que se tem feito para combater esta falta de compromisso, que pode resultar num prejuízo.

ZT: explica que foi justamente nesse sentido que este ano se cobrou um valor simbólico pela Assembleia.



XB: dá os parabéns à Tesouraria pela apresentação do Relatório.

Aplauso.

#### 4.3- PARECER DO CONSELHO FISCAL

GR: apresenta o parecer do Conselho Fiscal sobre o Relatório de Contas (anexo 5).

Passa-se à votação e aprovação do Relatório de Contas:

Sócios votantes: 98

Contra – 0

A favor – 94

Abstenções – 4

Aprovado.

## **5. ELEIÇÃO DA DIRECÇÃO PARA O BIÉNIO 2016/2018**

TDC: apresenta a lista candidata à Direcção (anexo 6).

DF: pergunta porque é continuamos a eleger órgãos para biénio, e não se passa a fazer a eleição da Direcção todos os anos, sendo que o normal é que haja mudanças todos os anos.

TDC: explica que é para cumprir o estipulado nos Estatutos.

Passa-se à votação para a eleição da Direcção.

Sócios votantes: 114
Contra – 0
Favor – 110
Abstenções – 4

Eleita.

Aplauso.

Pausa para almoço às 13:25.

Retomam-se os trabalhos às 14:52.

Vídeos de apresentação de Cegonhas, Aranhaços I e Aranhaços II.

## **6. APRESENTAÇÃO DO ORÇAMENTO E PLANO DE ACTIVIDADES 2017**

### 6.1- PLANO DE ACTIVIDADES PARA 2017

TDC: apresenta o Plano de Actividades 2017 (anexo 7).

Questões:

Sobre o CIFA e formação de animadores:

GR: propor voto de louvor à direcção e em especial à pasta de formação de animadores. Pede esclarecimento sobre o CIFA (que, conforme consta no plano, deixará de ser obrigatório para se poder animar no primeiro ano).

João Melo (JM): pede esclarecimentos sobre a obrigatoriedade do CIFA.

Zé Maria Miranda (ZMM): este assunto é sensível. O CIFA é um requisito para animar no primeiro ano, o que não é necessariamente mau, porque é bom que haja formação. A regra fechada não será boa, porque não sabemos as razões de cada um para não ir ao CIFA. Se os directores fazem uma proposta de serviço aos animadores, não pode vir com o critério do CIFA, ou é ou não é.

Gonçalo ? : passando os núcleos a apostar mais na formação de animadores, como é que isso funciona para as pessoas que vivem em sítios onde não há núcleos?

Luís Mascarenhas de Lemos (LML): a questão de obrigatoriedade nunca foi um problema levantado em Assembleia, foi uma opção da direcção. A ida ao CIFA sempre foi uma mais-valia. Não animar porque não fez CIFA não é um castigo.

ZMA: o CIFA; na óptica de formação de animadores para a vida, de fecho de um ciclo, cria espaço e tempo para se falar com quem traz experiência.

JT: o que é que a direcção pretende com o CIFA?

AM: faz confusão que estejamos a regulamentar o convite que se faz a um cifeiro. A direcção quando convida os directores deposita confiança na sua capacidade de construir uma equipa.

TDC: (responde) em 2013 decidiu-se como norma inteira que se ia exigir que os cifeiros fizessem CIFA para animar nesse primeiro ano. O que sentimos agora foi que a direcção se estava a imiscuir nos motivos pelos quais a pessoa não fez CIFA.

Mimi Montenegro (MM): apresenta o plano de formação de animadores (Anexo 8).

O CIFA é o reflexo de um ano inteiro, é o fecho. Não queremos que o CIFA seja uma actividade que se faz só porque é obrigatório para animar, mas sim que se faça porque é uma mais-valia.

TDC: Tendo em conta o plano de formação a incluir os núcleos durante o ano, ser obrigatório significaria ser obrigatório ir aos núcleos. O que queremos que seja “obrigatório” é serem pessoas comprometidas com o Camtil. Sobre a questão de regionalidade, foi falado com os núcleos para que se marquem as actividades preferencialmente ao fim de semana, para as pessoas fora dos centros possam ir também.

DP: é bom haver mais oportunidades de formação além do CIFA. Pergunta o que é que isto influencia na maneira como vemos o CIFA.

TDC: não vai mudar a estrutura do CIFA.

Guiga Murteira (GM): esclarecer que quando esta regra foi pensada pela direcção foi transmitida aos directores, não aos participantes, como linha directiva no convite, de não convidar os participantes em idade de fazer CIFA que não fizeram CIFA, nesse ano.

Madalena Ataíde (MA): a expressão obrigatoriedade está a fazer confusão, preferia falar de centralidade, sendo que o CIFA é o centro de um caminho que se faz ao longo do ano. Esta questão não tira importância ao CIFA. Os directores quando constroem as equipas sabem que a pessoa que estão a convidar está comprometida. E está a haver cada vez mais comunicação entre direcções de campo e a direcção.

TDC: ganhamos com a junção das duas coisas, CIFA e formação ao longo do ano com os núcleos.

Luís Montenegro (LM): não estamos a falar de reestruturação, isto (este plano de formação) é para dar às direcções de campo mais ferramentas, que há também pessoas comprometidas com o Camtil e que não podem ir ao CIFA (podem conhecê-las fora do CIFA). É uma proposta de amplificação.

Perrú: isto que o Camtil propõe agora, já se faz há seis anos nos Campinácios, e isso não tira importância ao CIFA, sobretudo ajuda a que a formação seja melhor.

João Maria Ameal (JMA): queremos pessoas comprometidas, não obrigadas, não deve ser obrigatório. Este plano dá mais ferramentas aos directores para perceberem quem têm à frente.

Beni Abreu Lima (BAL): concordo que não deve ser obrigatório. Se a direcção deu este passo atrás, fez muito bem.

LML: ter o cuidado de não tornar isto em listas de “participou em”; não se pode perder a liberdade no critério de escolha dos animadores. Não desvalorizemos o CIFA. Pede à direcção que exija mais aos directores que estejam no CIFA.

Maria Manuel Diniz Vieira (MMDV): não esquecer as pessoas que não foram convidadas logo, mas que mostraram compromisso, que não se fique centrado só no grupo dos que já se conhecem.

Manuel Urbano (MU): pede aos animados que se pronunciem sobre o assunto.

Henrique Esteves (HE): quer fazer CIFA mas tem receio que o campo não seja o que espera, ou não possa ir, esperando ter a hipótese de ao longo do ano colmatar isso.

Leonor Vasconcelos (LV): A formação ao longo do ano que fez ajudou imenso a viver o CIFA de outra maneira e a complementá-lo.

PCM: parece que estamos todos a concordar que mais formação é sempre bom. A discussão está a perder-se. Este ponto não está sujeito a votação, e as ansiedades foram registadas pela direcção.

Luís Alvim (LA): esclarecer o que se tem dito sobre dar mais ferramentas aos directores. A proposta não foi feita nesse sentido, mas sim no sentido de dar mais ferramentas aos participantes. Não é um processo de preparação para o “casting” para animar os campos. Não é isso que está em causa. Isto é dar ferramentas aos participantes para serem melhores camtílicos, melhores cristãos e melhores potenciais animadores.

Pausa às 16:30.

Retoma-se às 16:50.

Apresentação dos campos de Melgas I, Melgas II e Melgas III.

Sobre o ENC e Conga:

Maria Cunha (M<sup>a</sup>C): sobre o ENC, quais são os critérios para os anos em que há e não há. Vai haver alguma continuação do Conga?

CC: sobre o Conga, serviu para lançar temas e agora fica do lado dos sócios juntarem-se e proporem actividades.

TDC: sobre o ENC, faz-se de dois em dois anos. Ia haver este ano, mas entretanto percebeu-se que precisávamos de fazer uma Assembleia com dois dias, tirando-se assim o ENC. Pensou-se em direcção se fazia sentido substituir o ENC ainda este ano, mas decidiu-se que não, pela dificuldade em arranjar data, e ficar para juntar com o fim-de-semana de Assembleia de 2017.

Sobre a Secretaria:

ZMA: sobre a Secretaria. Há uns anos atrás houve muita discussão sobre haver uma pessoa assalariada. Voltando atrás estamos a deixar passar ao lado melhoria noutros campos, porque há membros da direcção que estão mais ocupados com isso. Apelo à direcção de ponderar nesta decisão para onde queremos crescer e que este recurso podia ser usado de outras formas. Que não se tenha pudor em usar o recurso de uma pessoa paga, porque isso não tira o carácter de voluntariado ao Camtil.

TDC: foi uma avaliação que se fez, de sentir que estávamos prontos para mudar o registo. Sendo que este é um ano de teste.

LML: o plano de actividades é ousado, e pede entusiasmo aos sócios. Pede especial empenho para a actividade da peregrinação. Sobre a Secretaria, sabendo a melhoria que foi quando se contratou alguém, pedir à direcção que repense a decisão.

Cristina Gil (CG): o critério da decisão não foi o dinheiro. Levantou-se a questão por causa da saída da Catarina (que trabalhava lá), e da reflexão percebeu-se que a Secretaria está pronta para retomar o registo de voluntariado sem que isso signifique que os membros da direcção que lá trabalham se estejam a esgotar com isso.

BAL: continua a achar que não há uma justificação. Não indo a Catarina embora, ela continuaria? A única justificação é ela ter ido embora?

Rita Regatia (RR): a Catarina veio ajudar a resolver assuntos pendentes, não propriamente para os problemas do dia-a-dia. Neste momento não temos necessidade de ter uma pessoa a fazer 10 horas por semana.

Bernardo Cerqueira (BC): a direcção pode levar esta preocupação para casa, avaliando durante o próximo ano.

Fernando Chaves (FC): se está bem, porque é que se muda?

Diogo Morgado Conceição (DMC): o contexto da altura da decisão de contratar era uma secretaria caótica. O trabalho feito pela equipa chegou para que agora possamos confiar que a secretaria está pronta para prescindir desta ajuda externa.

MU: se tomamos uma decisão, não se deve repisar todos os anos, devia haver uma duração para certas decisões que são tomadas.

PCM: se a direcção diz que não precisa, não fará sentido obrigar a direcção a manter uma pessoa assalariada.

Nuno Valentim (NV): na direcção esta questão foi colocada várias vezes e discutida várias vezes. Se isto foi trazido aqui, é porque foi pensada e ponderada.

PCM: é uma opção este valor estar orçamentado e só ser usado se necessário.

JM: que se faça a experiência ao contrário, de pagar a uma pessoa e no fim avaliar se foi um erro.

Manuel ?: no início da assembleia votámos na direcção e fizemos o voto de confiança, porque não fazer o mesmo quanto a este assunto?

MDV: o tempo que investimos nestas melhorias foi para agora ganhar tempo. Quando nos vimos nesta situação, olhámos para o que tínhamos, e vimos que podemos deixar de pagar e não baixar o nível daquilo que damos aos sócios. Não é voltar atrás, é andar para a frente.

Sobre os Campos:

António Ferreira da Silva (AFS): mudando a data de tremelgas, vão mudar os locais de campo?

TDC: roda o campo de camaleões, em vez de estar com mosquitos e aranhaços, e vai para o local de tremelgas.

Sobre Trolhas e o 3três:

Madalena Barrancos Vieira (MBV): sobre Trolhas, que será substituído pelo 3três. É uma pena acabar com o conceito de Trolhas como tem sido até agora. Propõe que se faça na mesma um campo de Trolhas a par do 3três.

TDC: vai continuar a ser um campo que está imerso numa comunidade, que pede aos animadores que se virem para fora. Nos últimos anos tem sido difícil encontrar projectos. Este ano parece-nos importante fazer uma proposta de fidelidade porque temos ouvido o que os directores nos vão dizendo.

MM: partindo da avaliação feita na RAC, percebemos que este ano não tivemos uma necessidade específica, e resolvemos pegar nas necessidades que nos chegaram.

DP: donde é que surgiu esta necessidade de se fazer um campo para a criatividade?

MM: isto é um suplemento. Quanto à estrutura, estava a pensar-se numa parte de pensar e outra de implementar.

Mafalda Sousa Guedes (MSG): foi um tema muito discutido na RAC. Num campo de Camtil queremos fazer magia com pouco, pode estar a perder-se esta magia porque se tem a ambição de fazer sempre coisas maiores.

MDC: é suposto isto ficar neste campo, ou como é que as pessoas que não foram ao campo podem usufruir disto? Vai pôr-se ao serviço do Camtil?

PCM: fica em acta que há sócios partilham da opinião de que deve haver um campo de Trolhas além desta proposta.

Antonio Sant'Ana (AS): o plano é ousado. A mudança de paradigma traz novidades, e devemos estar abertos a essa novidade.

AM: se é um campo para estimular a criatividade, deixa de ser um campo em que há participantes fora do Camtil?

TDC: não, pode ser fora do Camtil.

LML: Trolhas era o residual da dimensão social do Camtil. Esta proposta preserva isso, faz sentido que se continue a chamar Trolhas.

MU: ao longo destes anos temos visto pessoas muito criativas, deve ser-lhes lançado este desafio.

Teresa Valentim (TV): para os potenciais Trolhas que possam ter medo de perder Trolhas. Construir um serviço é construir um produto, mas que não se vê na medida tangível da coisa. Que não se perde aqui.

Pausa às 18:05.

Retoma-se às 18:20.

Apresentação dos núcleos (Alface, C.A.B.R.A. e Tripa).

## 6.2 – ORÇAMENTO 2017

MDV: apresenta o Orçamento 2017 (anexo 9).

MC: apresenta a rubrica da CamtilShop.

Questões:

JMA: pergunta se há alguma razão para que os campos de inverno sejam auto-sustentáveis e se é possível estabelecer um orçamento para os campos de inverno, especificamente para Cegonhas.

MDV: precisa de ser feito um estudo.

LML: várias questões a) o curso de primeiros socorros é exigido por lei. Se não, que se continue a fazer como tem feito, ter animadores com formação em saúde nos campos e



médicos disponíveis por telefone durante o campo. A formação a ser dada não pela cruz vermelha (se não há lei em vigor) que não sabe o contexto do campo, mas sim por sócios médicos; b) Atenção, a actividade de peregrinação está sub-orçamentada. c) está a camtilshop a ter cuidado de aproximar os preços do custo real? d) a direcção está preparada para, com apenas 3.000 € da reserva, aguentar eventuais custos com carrinhas extra como se tem verificado? Propõe que a direcção tenha o registo dos danos por campo e que o animador responsável não seja responsável pela carrinha nos campos seguintes. e) os exercícios espirituais são pagos ou subsidiados?

AFS: orçamentos de campo consoante os escalões, está a ser feito um estudo?

MSG: a) curso de primeiros socorros, é importante haver animadores com esta formação, independentemente de haver médicos no campo. b) orçamento de camaleões devia ser aumentado.

XB: a) a decisão de cegonhas ser auto-sustentável veio de se achar que os Cegonhas não deviam ocupar recursos do Camtil. Devem continuar a ser auto-sustentáveis, não excluindo a hipótese de se pedir ajuda à direcção no caso de uma emergência. b) propõe que se ponha no orçamento o salário de uma pessoa na secretaria, para o caso de se verificar necessário.

GR: fundo de emergência, está a ser pensado actualizar o valor conforme a inflação?

MDC: farmácias de campo, há muitas coisas a faltar, devia pedir-se a alguém que saiba do assunto.

DMC: é preciso ter em atenção a necessidade de aumentar as receitas (sobretudo porque se estão a orçamentar mais despesas).

Tiago Godinho (TG): propõe que se mostre no orçamento as percentagens de aumento ou diminuição de acordo com cada rubrica.

MC: responde às questões da camtilshop. O preço é muito próximo do custo de produção, com uma margem, e estamos a estudar isto.

MDV: quanto ao curso de primeiros socorros, a lei não está em vigor, mas está iminente. Achamos que é um investimento importante para a formação dos animadores. Registámos as preocupações.

Sobre os exercícios espirituais – o subsidio é de 20€ por pessoa.

Sobre a Peregrinação – o orçamento foi pensado para a logística interna. Fica registado o apelo ao cuidado.

Orçamentos de campos – anotámos isto na RAC, a direcção vai fazer uma reestruturação, o valor total dos dez campos não se mexe, mas entre os campos vai ser redistribuído.

Farmácia – já temos uma pessoa com formação médica a gerir isto, mas entretanto vamos fazer um estudo para refazer a lista das coisas que vão para a farmácia dos campos.

Sobre a reserva (e as carrinhas) – não podemos prever que gastos vamos ter. Não queremos orçamentar por cima para não abrir espaço a que se tenha menos cuidado porque se orçamentou x. A tesouraria já tem um cuidado à partida (na REC) de mostrar o que se tem gasto, para sensibilizar para o cuidado. Não achamos que a reserva vai acabar para o ano.

LA: pergunta se o subsídio é opcional, dos EE.

BC: não era essa ideia, o objectivo é fazer um investimento em oferecer exercícios para animadores mais baratos.

NV: a direcção entendeu que oferecer EE mais baratos faz parte da oferta de formação aos seus animadores, faz parte do plano.

Perrú – a Companhia de Jesus ficou feliz com esta decisão e os outros movimentos (Gambozinos e Campinácios) decidiram o mesmo.

ZT: sugere que em vez de subsídio por inscrição para camfílicos, em EE que são dos 3 movimentos, se faça uma doação à Companhia, que organiza os EE.

MM: é para ser pontual, para oferecer aos animadores.

LML: pergunta o porquê do valor do donativo à Companhia.

MDV: 1000€ é o mínimo que se achou que se devia orçamentar, é um ponto de partida.

PCM: sobre a questão da secretaria, há propostas de pessoas para eventualmente estarem assalariadas?

GM: parece-me que é uma decisão de gestão. A conjuntura de agora é diferente de há três anos atrás e isso explica a decisão. Propõe que a) se fixe um período de 4 anos de cumprimento da decisão (de contratação), e que b) se orçamente, mesmo que depois venha a não ser preciso.

ZMA: o apoio está dado, a direcção tem a liberdade de pagar um salário se tal for necessário.

GR: se elegemos a direcção, demos o voto de confiança. Esta proposta de votação está subentendida na eleição da direcção.

LML: não há necessidade disciplinar esta questão. A assembleia dá o aval.

PCM: que não seja um assunto que se atire à cara da direcção no próximo ano, que não se levante dúvidas, se realmente se gastar dinheiro em salário não orçamentado. Não é preciso votar isto.

### 6.3 - PARECER DO CONSELHO FISCAL

DMC: apresenta o parecer do CF sobre o Orçamento (anexo 10).

Votação do orçamento:

Sócios votantes: 100

Contra: 0

Favor: 86

Abstenções: 14

Aprovado.

Aplauso.

## **7. PROPOSTAS SOBRE A ENTRADA DE NOVOS SÓCIOS**

BC: apresenta o Estudo de Sócios (anexo 11).

### **7.1 - CAMPOS JOKER**

Questões:

AM: como se faz a previsão do número de sócios que se inscreve?

BC: para cada geração (nascidos no ano X), vemos o número de inscritos no ano anterior, e verifica-se que os números correspondem.

Teresa Nora (TN): a proporção de mosquitos de veterano/caloiro é ajustável, e também a proporção por região.

BC: o que se verifica é que as proporções do universo de sócios batem certo com as proporções do campo, não há necessidade.

LML: o ajuste é automático, porque não havendo veteranos as vagas são preenchidas com caloiros. Sobre os casos laranja, tem que se ter cuidado e ver caso a caso, porque nos mosquitos os casos que temos podiam ter sido evitados o ano passado.

Votação da proposta da Direcção de colocar os campos joker em Melgas e Tremelgas.

Aprovada por unanimidade.

### **7.2 - ENTRADA DE NOVOS SÓCIOS:**

BC continua a apresentação. Explica o método de sorteio e a avaliação feita ao mesmo.

Questões:

ICB: assim significa que quem se candidata tem muito poucas probabilidades de entrar à primeira?

BC: significa que se aumenta a probabilidade real ao longo do tempo ao invés de poder acontecer ficar 10 anos a tentar sem sucesso.

Perrú: o Camtil entrou agora na rede de campos de férias católicos, devia ser critério no futuro que as famílias candidatas não façam outros campos.

Votação para manter este modelo.

Aprovada por unanimidade.

### 7.3 – ABERTURA DE VAGAS A NOVOS SÓCIOS:

BC: continua a apresentação.

Número de vagas a abrir:

Proposta da Direcção (parte 1) – abrir 150 vagas.

Aprovada por unanimidade.

Sobre a segunda parte da proposta – repartição das vagas por regiões: Lisboa e Resto do Mundo (Coimbra, Porto e Resto do Mundo).

LML: não vê motivo para se privilegiar Coimbra, a repartição dentro do resto do mundo deve manter-se igual para Coimbra, Porto e Resto do Mundo, (não há um objectivo de proporção discriminado dentro do RM) pois até as vagas nos campos para estes sócios têm apenas uma quota mínima, não tem uma proporção máxima.

TN: não temos que olhar para as pessoas que se candidatam, temos que olhar para as vagas que queremos abrir consoante o universo de sócios que temos.

BC: a região de Coimbra é a que neste momento tem menos sócios e pode ser importante colmatar isso, tendo em conta que é uma cidade com núcleo e onde muitas das coisas do Camtil funcionam.

MA: pode acontecer um efeito bola de neve, quanto menos famílias aceitarmos, menos famílias temos.

DMC: acrescenta o benefício de privilegiar Coimbra, na linha do PFA, e sabendo que o CABRA está com falta de gente.

BAL: não havendo objectivo de igualar entre si as regiões do resto do mundo (Coimbra, Porto, Resto do Mundo), não faz sentido privilegiar Coimbra em relação às outras regiões.

XB: olhando para os novos sócios que entraram em 2016, Coimbra foi privilegiada. Os núcleos são importantes, mas quem vive fora destes centros fica um pouco “órfão”.

GR: se temos números indicativos, temos que caminhar para esses números.

Ficam duas propostas em cima da mesa:

- Proposta A (da direcção - parte 2): 65 vagas para Lisboa, 85 para o Resto do Mundo (distribuídas em 20 Porto, 30 Coimbra, 20 Resto do Mundo, 15 aleatório).

- Proposta B (LML): 65 Lisboa, 85 Resto do Mundo (20 Porto, 20 Coimbra, 20 Resto do Mundo, 25 aleatório).

Sócios votantes: 92

Proposta A – 42

Proposta B – 39

Abstenções – 11

Aprovada a proposta A.

### **APRESENTAÇÃO DAS PROPOSTAS A DISCUTIR AMANHÃ**

PCM: é só apresentação, sem possibilidade de resposta.

DCM: apresenta a proposta do papel dos leigos no Camtil (anexo 12).

LA: apresenta a proposta de repetir a discussão e votação sobre a existência de majoração (anexo 13).

BC: apresenta proposta da majoração (anexo 14).

LML: 1- proposta de na majoração distinguir famílias com filhos em idade de fazer campo e não (anexo 15); 2- proposta da utilização da tecnologia no Camtil (anexo 16).

JM: apresenta proposta sobre a política de fumos em campo (anexo 17).

Encerram-se os trabalhos por hoje, às 21:40.

Domingo, dia 20, iniciamos com missa às 10h.

Retomam-se os trabalhos às 11:15.

Vídeos de apresentação de CIFA, Trolhas, Mosquitos.

## **8. DICUSSÃO E VOTAÇÃO DAS PROPOSTAS RELATIVAS AOS CRITÉRIOS DE ENTRADA DE ANTIGOS MEMBROS DO CAMTIL COMO NOVOS SÓCIOS (na sequência do debatido na última assembleia)**

PCM: explica o contexto desta proposta, na assembleia passada. Foi aprovada a proposta de majorar, ficando por decidir como se faria a majoração. Daí esta proposta agora. Como Presidente da Mesa, rejeita a proposta do LA (anexo 13) porque a assembleia já tomou esta decisão.

BC: apresenta a proposta de majoração (anexo 14).

Questões:

MM: há um estudo do impacto que isto pode ter no sorteio?

ALC: há números de quantos candidatos se encontram nesta situação?

Manuel Sérvulo Rodrigues (MSR): qual foi o critério para excluir da proposta os antigos sócios (que não são antigos animadores ou membros da direcção)? Devíamos tentar perceber porque é que há pessoas que deixam de ser sócias.

Zé Murteira (ZM): não haverá pessoas que não animaram mas que contribuíram para o Camtil? Qual o critério da direcção?

XB: (responde) está-se só a falar de antigos animadores e membros de direcção para simplificar. Não impede que se pense depois noutras propostas, mas para já a proposta é esta. É uma proposta assente na gratidão, não está na nossa visão o impacto que isto vai ter.

BC: inicialmente falou-se também em antigos sócios. O número é desconhecido, não sabemos o impacto que vai ter no sorteio. Por este valor ser desconhecido, achamos que é mais cauteloso começarmos com um universo de beneficiados mais pequeno, e depois então, caso seja aprovado, se estude este impacto. As pessoas deixam de ser sócias porque deixam de pagar quotas.

LA: fala sobre a sua proposta de repetição da discussão sobre haver ou não majoração.

PCM: o resultado desta proposta – discutir as razões – já está a acontecer. Continuamos com dúvidas e esclarecimentos e daí veremos se faz sentido repetir a votação da existência de majoração.

GR: o CF apoia esta proposta e a Mesa no caso de esta decidir repetir a votação.

LML: esta proposta é uma preocupação que se deve respeitar no sentido de não terem ficado esclarecidas as motivações do ano passado. Não acho que seja intenção pôr em causa a assembleia gratuitamente. A discussão é tão delicada que exige reflexão. É importante para a pacificação neste assunto. No ano passado estava contra isto porque a proposta de 2015 era mais discriminatória e não fazia sentido. Este ano faz parte do grupo de proponentes. O Camtil beneficia da diversidade de gerações. O defeito desta proposta é ter partido de antigos animadores, o que podia pôr em causa o espírito de gratuidade (como não poria se partisse de outro lado), mas devemos deixar isso de parte, o espírito da proposta é de gratuidade. Devemos estar preocupados em dar uma resposta às necessidades dos filhos destas famílias cujos pais foram antigos animadores, e é assim que isto faz sentido.

TN: explicar o contexto. Surgiu primeiro em 2002 quando muitos animadores começaram a ter filhos em idade de fazer campos. Na altura não era preciso que os animadores fossem sócios (como ainda hoje não é). Não temos que estar numa postura de castigar quem, por alguma razão, deixou de pagar as quotas. É o espírito do Camtil que está por trás disto.

ALC: não temos agora dados sobre o impacto que pode ter, mas pode ser bom para o ano, se isto andar para a frente, estudar a possibilidade de incluir os veteranos e etc.

LA: a discussão também deve passar por soluções de perceber porque é que as pessoas deixam de pagar quotas.

TDC: é perigoso dizer que ao fim de 7 anos as famílias candidatas entram de certeza. Há tantas pessoas a tentar entrar no Camtil quantas as pessoas que há a candidatar-se ao longo dos anos. Durante toda a vida que o CAMTIL tiver vão existir pessoas que vão tentar entrar no Camtil e não vão conseguir. Este ano conseguimos deixar entrar as duas famílias que detinham o recorde de tentativas de entrada (7 anos), mas dizer isto assim passa a ideia de que, ao fim de sete anos, todos aqueles que queriam entrar no CAMTIL entraram. Essa ideia é falsa. Porque em anos próximos teremos pessoas a tentar entrar 8, 9, 10 vezes, sem conseguir! Porque por muito que as pessoas queiram entrar, temos todos os anos 150 vagas para aproximadamente 3000 candidatos.

XB: noutro tempo o Camtil não era “vírgulas”. Mesmo sabendo que isto é fruto da conjuntura que se vive agora, às vezes estas discussões angustiam. Não devemos transformar isto em vírgulas e números. A proposta do ano passado não foi encomendada por ninguém, surgiu da percepção de que havia pessoas nestas situações. Compreendo que a proposta era um pouco agressiva. E por isso este ano conseguimos uma solução de compromisso, de simplicidade. É impossível ser totalmente justo e totalmente inclusivo.



Notar que no ano passado quem votou a favor foi a geração mais velha e a mais nova. A intermédia votou contra ou absteve-se.

Pausa às 12:50.

Retoma-se às 13:05.

DCM: o ano passado estava contra a proposta. Este ano chega dividido, e isto reflecte a necessidade de aprofundar a questão. Vai ser sempre uma escolha entre duas coisas importantes: uma é reconhecer as pessoas que deram ao Camtil e a outra é dar importância às pessoas que trazem diversidade. Estar contra isto não é querer castigar quem deixa de pagar quotas, não é de toda essa intenção. O mérito desta proposta é que é independente dos números, sendo difícil arranjar melhor maneira de fazer isto do que esta que foi apresentada.

DF: sobre não querer punir quem deixa de pagar quotas, não será punir obrigar a candidatar-se? Estamos com isto só a “punir menos”? Não punir não seria simplesmente deixar entrar automaticamente

NV: esta majoração é simbólica. Trata-se de reconhecer o valor desta herança. Sobre a questão da punição - quem anima tem possibilidade de entrar directamente no Camtil nesse ano. Os antigos animadores não.

DF: que não se fale de punição mas apenas de majoração com base na gratidão.

Madalena Dias Costa (MDC): não se está a tentar desculpar os desleixos nem sequer facilitar que se deixe de pagar quotas até dar jeito voltar. São pessoas que viveram outra realidade. Isto também traria diversidade ao Camtil.

JM: o objectivo da assembleia é falar, fazer caminho, não é apenas aprovar e passar coisas. Ter esta discussão aqui é benéfico, faz caminho. É contra, passa a mensagem para fora de que nos estamos a fechar sobre nós; o Camtil não deve nada a ninguém, as pessoas é que devem ao Camtil pelo que fez nelas, a gratidão não passa por facilitar o acesso. Sentir-se-ia mal se estivesse na situação e fosse beneficiado em relação a um amigo, porque no passado animou campos. Não é mais difícil para antigos animadores entrarem do que para os outros, não é disso que se trata, eles estão em pé de igualdade. Estamos a criar vias alternativas quando pelas vias normais eles podem entrar na mesma.

Miguel Pupo Correia (MPC): apesar de os sócios antigos serem os nossos moldes, são os participantes, os filhos, que vão construir a seguir, são o futuro. Devia ser estudado

melhor, para poder incluir uma terceira coluna para antigos sócios, com menos do que um antigo animador.

Madalena Cardoso Pinto (MCP): esta a fazer-se um bicho de 7 cabeças do processo de sorteio, como se se estivesse uma vida inteira a tentar. A proposta está a dar uma vantagem às pessoas que por alguma razão saíram. Não fomenta isto que se deixe de pagar quotas porque terão vantagem no futuro.

PCM: a vantagem não é assim tão grande que fomente isso.

ZT: a vantagem é quase irrisória. No primeiro ano se calhar vai dar enchente, que foi o que aconteceu nos primeiros anos em que fomos incluindo estas formas de sorteio. Pode acontecer que agora entrem muitos, mas no futuro o impacto não será significativo.

GR: o princípio da gratidão faz todo o sentido, mas é impossível fazer uma proposta que seja justa. Esta é a melhor, mas será sempre injusto.

Mafalda Geraldês (MG): há muitas famílias a tentar entrar, e nos núcleos apelam a que levemos amigos novos para conhecerem o Camtil. Nesta linha não faz sentido esta proposta que beneficia pessoas que já fizeram parte e deixaram de fazer.

Pedro Lima (PL): o Camtil não tem de dar privilégios, as pessoas fazem campos porque querem servir o Camtil. O Camtil agradece-nos de cada vez que participamos activamente no Camtil. Não faz sentido ter um lugar cativo.

PRM: há aqui uma parte de números e uma parte de sentimento. Talvez a discussão não continue a ser viável, porque é uma discussão sem fim, independentemente de estarmos esclarecidos sobre a proposta.

NV: a atenção e gratidão foi um dos motivos que nos levaram a aceitar o convite de casal assistente da direcção. E perguntámos muito se tinham noção do convite que nos iam fazer, que não íamos ser um bibelô, e que vamos sempre dar a nossa opinião. Falámos com muitos pais do Camtil antes de aceitar, e percebemos a preocupação de muitas das famílias que estão de fora nestes termos. A opinião dos mais velhos e da Companhia de Jesus é importante no Camtil. (Lê um excerto da carta do Padre Vasco sobre a proposta lida no ano passado - anexo 18).

LA: é importante contar com os animadores que são e os que foram, e isso já acontece, nós não estamos a excluir essas pessoas. Além disso, continuamos a ter “velhos” que trazem história, ainda temos essa bagagem.

LML: sinto que os corações se alinham sobre o cuidado do Camtil em geral de ser generoso e gratuito com os animadores. Ninguém põe em causa isto. Se ninguém pôs em causa não há razão para votar de novo se deve ou não haver majoração. Estes assuntos

precisam de maturação, pode haver abertura para perceber qual a proposta que reúna mais consenso, partindo sempre da premissa inicial.

TDC: esclarecer alguns pontos. 1 – isto beneficia quem espera mais tempo, não quem espera só. Quem entra depois de sete anos não entra porque está há sete anos, entra porque insistiu e porque outras foram desistindo. 2 – esta proposta adiciona a este caminho, que fazemos com as famílias que vão tentando, uma atenção pequena com os que já estiveram no Camtil.

AS: esta votação não implica uma mudança de estatutos, a identidade do Camtil continua intacta. E esta não é a última assembleia, as coisas podem ser avaliadas e rectificadas. Tranquilidade nesta votação.

Votação da proposta.

Sócios votantes: 110
Contra – 32
A favor – 59
Abstenções – 19

PCM: há 20 votos por procuração a favor, que não estão na contagem porque não influenciariam o resultado. Decide não contar para tornar isto uma votação inteiramente presencial.

DCM: faz declaração de voto vencido. Não estava em condições de decidir, agradece a discussão que se levantou que o deixou pacificado.

## 9. O PAPEL DOS LEIGOS NA ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

DCM: apresenta a proposta (anexo 12).

Perrú: a Companhia está muito preocupada com este assunto. Com organização vamos conseguir garantir os próximos 5 ou 6 anos. Mas será grave se chegarmos a uma altura em que não se cresce porque não há jesuítas para fazer campos. A acontecer isto (leigos a assegurar a assistência espiritual nos campos) tem que ser muito bem pensado e preparado. A discussão tem também que abranger os outros movimentos.

GR: faz uma recomendação à direcção de fazer o mesmo em relação a outros assuntos levantados no Conga – criar comissões para os discutir e pensar.

JMA: esta questão devia ter sido a central da assembleia – não criar uma comissão mas discutir isto aqui. Porque não pensar em fazer já um campo “teste” de mosquitos com leigos?

PCM: não temos dados para ter a discussão agora.

LML: é preciso apurar isto junto da Companhia. Este assunto não carece de proposta da assembleia.

JM: o mérito da proposta é de lembrar isto à assembleia. A discussão não deve ser só interna, mas deve ser o mote para falar com os outros movimentos.

MA: explica que já há reuniões com os três movimentos. É uma reflexão que exige muito tempo, não se deve adiar mais. Não me parece que faça sentido fazer um campo teste. Mudar, na proposta, “estudo” para “reflexão”.

TDC: não é preciso votar, a direcção já esta comprometida com isto.

DCM: a única coisa que sai daqui é que se dê feedback.

Votação: aprovada por unanimidade.

Pausa para almoço às 14:30.

Retoma-se às 15:50.

Apresentação de Tremelgas II, Micróbios, Camaleões, tremelgas I, tremelgas III

## **10. PROPOSTA SOBRE A DISTINÇÃO DENTRO DA MAJORAÇÃO DE FAMÍLIAS COM FILHOS EM IDADE DE FAZER CAMPO E SEM**

LML: explica que não vai apresentar para votação a proposta (anexo 15).

No entanto, é uma reflexão que se deve levar para o futuro, a possibilidade de não aplicar a majoração logo desde o primeiro ano em que a família se candidata, mas a partir de certa idade dos filhos.

## **11. PROPOSTA SOBRE O USO DA TECNOLOGIA NOS CAMPOS**

LML: explica a proposta sobre a tecnologia nos campos (anexo 16).

MSG: faz confusão ter que andar com o telemóvel no campo. Enquanto directora sempre sugeriu o uso mínimo do telemóvel pelos animadores. Deve-se exigir o mínimo possível. Sobre as fotografias, não ajuda a estar no campo, distrai do campo, sobretudo se for máquina digital, vamos vendo as fotografias. Acho que tem que ser na linha do bom senso. O Camtil não é o sítio onde se tenha regras de proibição de máquinas e afins, mas a linha directiva deve ser esta.

LA: como director, um ponto importante no convite aos animadores é que a proposta feita aos animados é feita antes aos animadores, de viver o campo em simplicidade. Na questão dos telemóveis é a mesma coisa. O que a direcção pode fazer é esta sensibilização aos directores.

Marta Vasconcelos (MV): chamada de atenção de que não é permitido publicar fotografias de menores sem a autorização dos pais.

LML: justamente a propósito deste âmbito legal, é preciso que se trabalhe nisto a médio prazo.

TV: enquanto mãe tem observado a passagem do analógico ao digital. Os próprios miúdos deixam de ter o interesse do analógico, porque não é imediato, mas que não se pode perder isto.

## 12. POLÍTICA DE FUMOS NOS CAMPOS

JM: apresenta a proposta dos fumos (anexo 17).

Questões:

Carolina Almeida e Sousa (CAS): Qual é o conceito de espaço de campos de férias?

JM: não há um conceito fixo, temos que aplicar à realidade de campo, serão os espaços onde está o campo instalado. A proposta menciona a questão de a tenda-mamã já não ser espaço de campo porque há uma barreira física que separa animadores de animados, mas pensa que se deve considerar espaço de campo.

Gonçalo Dias (GD): sobre a autorização dos pais de o participante fumar, muitas vezes os pais sabem mas não compactuam com isso. Não me parece que vá haver um pai que autorize o filho a fumar, independentemente de saber.

FC: o pai autorizaria a sair do espaço do campo, mas não especificamente para fumar.

LML: abrimos espaço para pessoas saírem assim do campo é perigoso. Há dois problemas: os animadores que, resumindo a lei, só pode ser fora do campo; quanto aos participantes, não me parece que seja possível colocar nos termos de os pais autorizarem. Pode passar por lidar da mesma forma quando o miúdo foge à regra, ligar ao pai a avisar. Isto tem que ser pensado, também com os outros movimentos.

Perrú: por falar noutros movimentos, nos Campinácios como é dos Colégios, lidamos com essas regras. No campo pergunta-se ao miúdo se o pai sabe e deixa, se ele disser que sim perguntamos se podemos ligar aos pais e se ele não estiver disposto a isto, não pode fumar.

GR: um dos pilares do Camtil é a natureza.

PRM: sobre as consequências de quebrar a regra, devia haver uma regra comum transmitida pela direcção aos directores.

MV: há uma lei que proíbe durante o verão fumar em espaços florestais e rurais, por isso nem faz sentido falar de espaço dentro ou fora de campo.

JMA: a questão hoje não passa tanto pela lei, mas sim pela pedagogia, e é esta parte que tem de ser conversada. Não acho que seja um assunto para assembleia, e é má ideia criar uma regra. A direcção entrega o campo ao director e tem que lhe dar espaço de manobra para zelar pela segurança do seu próprio campo. Proibir os miúdos de fumar pode significar que ele fuma às escondidas e isso é muito mais perigoso. Tem que ser o director a perceber se naquele campo é possível fumar com segurança. Directrizes, não regras.

LML: a regra tem que ser igual para todos.

PCM: esclarecer que não é competência da assembleia decidir o critério de expulsão de um miúdo do campo.

MSG: é uma questão pedagógica, não é a questão legal que se está a discutir aqui. É importante haver uma política comum. A minha política em campo era só falar do assunto quando me vinham perguntar e aí permitir dentro dos tempos autorizados.

Joana Roquete (JR): se isto significar que os animadores e animados que fumam têm que sair do espaço de campo para fumar, isto cria o perigo de se criar a elite do fumo.

MA: pedagogicamente, a proposta mais em linha com o que Camtil pede nos campos devia ser não fumar, numa lógica de viver na simplicidade e viver com pouco. Independentemente de se autorizar vai sempre haver fumar as escondidas. Uma política que não é unitária enfraquece qualquer política de campo, por isso sim deve-se conversar.

BC: é bom o assunto surgir e ser conversado, e deve procurar-se uma regra unificadora. Enquanto director, preocupava-me que nenhuma regra de proibição me garante que não haja fumos às escondidas. A proposta feita aos animados de fumar só em tempos específicos dá algum controlo, não total, pelo menos durante aqueles tempos. Era a melhor forma que havia de controlar a segurança do campo.

ZMM: deve haver uma linha comum sobre a consequência de quebrar a regra imposta pelo director, mas não uma directiva comum sobre a política de fumo. É importante a pedagogia funcionar assim: “eu sou director e imponho regras e não cumprir tem consequências”. O que deve ser comum é o que fazer quando se viola a regra.

Manuel Antunes (MAnt): pedagogicamente, quando há animadores a fumar, é mau proibi-los de fumar, chegamos ao oitavo dia e temos “bois enraivecidos” a querer bater nos miúdos.

MM: já fiz campos como fumadora e campos como não fumadora. O local do campo poderá terminar na tenda-mamã. Há perigos que fogem do nosso controlo (exemplo do campo em que tínhamos muitos intrusos de miúdos de fora a fumar mesmo ao pé do campo). Tem que haver uma diferença entre animadores e animados. Obrigar animadores a sair do campo para fumar é perder animadores naquele momento. Se a tenda-mama for espaço para isso, eles não deixam de estar em campo. Os miúdos devem poder fumar.

Fred Sousa Macedo (FSM): legalmente, a solução apresentada na proposta contorna os problemas legais, porque não está definido o que é o espaço físico do campo. É uma questão de bom senso e já tem havido essa solução em campos e tem funcionado, é mais



perigoso a proibição total. O Camtil não pode tomar uma medida, no máximo uma directiva.

AM: faz impressão que se fale em assembleia sobre formas de contornar a lei. Não é aqui que se vai chegar a algum lado, confia-se na direcção para perceber como melhor lidar com a situação.

PCM: não se está a tentar contornar a lei. Duvido que toda a gente soubesse destas leis, fica a saber-se.

LML: que isto conste do livrinho de directores, e os directores aceitam.

JM: se isto for levado para os campos, deve ser explicado aos miúdos o porquê. Sobre as consequências, deve haver um máximo e um mínimo (ex. máximo é a expulsão). Apelo a que haja uma política comum.

### **13. OUTROS ASSUNTOS**

#### **Votos de louvor: aprovados por unanimidade**

GR – propõe voto de louvo ao PFA.

DMC – à Mesa.

MM – aos vídeos de apresentação dos campos.

MDV – à Catarina Farinha

M<sup>a</sup>C – à organização da assembleia e ao Ico Geraldês Barba.

PCM – aos membros da direcção cessantes.

LML – à Companhia de Jesus.

PRM: problema de coleccionar campos, apelar aos sócios. É mau porque se começa a comparar, não se vive os campos como deve ser, dá azo a situações como ir buscar o miúdo ao oitavo dia de campo. Anexo 19 (PRM vai escrever)

XB: pode fazer sentido ter uma nota sobre isto numa carta para os pais.

DP: isto também é para animadores.

GR: propor à direcção 1) disponibilizar as actas de todas as assembleias. 2) pensar se não se devia mesmo ter assembleias de dois dias sempre.

ALC: para a camtilshop, pede que se estude a possibilidade de voltar a fazer camisolas antigas (azuis com as letras verdes).

LML: destacar a presença do Perrú como representante da pastoral da Companhia de Jesus, revela uma amizade imensa da Companhia pelo Camtil.

JMA: discordo da maneira como foi tratado o assunto dos leigos. Teria sido importante termos tido esta conversa aqui.

PCM: que bom que é ter melgas que não votam mas que querem falar, e ter tantas crianças aqui, isto é o Camtil.

AS: agradecer a Deus e terminar com uma oração.

Encerram-se os trabalhos às 17:55.